

# humanitas



Vol. XXXIII – XXXIV

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

---

# HUMANITAS

VOLS, XXXIII-XXXIV



MCMLXXXI-MCMLXXXII

COIMBRA

Mesmo assim, esta apresentação do *De prouinciis consularibus* é um trabalho muito meritório, que vem abrir a um vasto público o acesso à leitura de um texto particularmente importante da literatura ciceroniana.

SEBASTIÃO T. DE PINHO

**Poema em honor de San Ignacio de Loyola, fundador de la Compañía de Jesús, 1760.** Introducción, paleografía, versión rítmica y notas de Luz María Velázquez Herrera. México, CX + 17 (duplas) pp.

Foi com muito interesse que nos debruçámos sobre a leitura do Poema em honra do fundador da Companhia de Jesus, datado de 1760 e publicado no México em 1982. É também motivo para, mais uma vez, se constatar a implementação dada aos Estudos Clássicos por esse Mundo fora, com acesso à consulta de fontes de informação muito diversas e organizadas, como menciona o autor na sua introdução ao trabalho: *Archivo General de la Nación, Archivo Histórico de Hacienda, Archivo Histórico de la Provincia Mexicana, Archivo Romano de la Sociedad de Jesús (Provincia) Mexicana*. A própria Companhia de Jesus, aqui em Portugal, não se pode orgulhar de possuir um Arquivo constante dos seus membros.

De um modo particular, esta obra mereceu-nos uma cuidada análise, para um posterior cotejo com outras duas obras, século e meio anteriores a esta, e que mais adiante serão referidas.

O poema é anónimo e Luz María Velázquez Herrera, estudando os documentos autógrafos, isto é, os manuscritos da profissão de votos, várias cartas e o poema em questão, diz: «Por ahora, la razón de nuestra atribución está basada sólo en la grafía que se advierte en estos textos, y que nos parece identica a la del poema que presentamos». É, pois, a nosso ver, um zelo excessivo mas sempre cauteloso da sua parte, dado que os textos apontam *a priori* para essa conclusão.

Abre o estudo com informações biográficas e dados concretos sobre a ocasião e o lugar que teriam proporcionado a composição do poema cuja estrutura é logo, de seguida, dissecada com pormenorizadas referências a mestres e companheiros do protagonista. Aspectos fonéticos, morfológicos, sintácticos e métricos são também anotados, bem como recursos estilísticos e ideológicos, analisados na sua beleza plástica — comparação, metáforas, imagens expressivas. A influência do mundo clássico grego e latino é bem ressalvada e ocupa Virgílio indubitavelmente um lugar primacial, no conteúdo e na forma. O autor oferece-nos passos do Vate mantuano parafraseados por Sales Pineda.

A mancha gráfica do texto latino e a sua versão espanhola, lado a lado, facilitam a leitura. Seguem ao texto e tradução notas apresentadas com certo rigor, mas algures escapam ao atento exame de Luz Herrera aspectos fonéticos, morfológicos e sintácticos. A bibliografia é relativa, quase exclusivamente, aos catálogos da Companhia de Jesus e Santo Inácio de Loiola.

No que se refere à urdidura do poema, ela é muito simples e linear. São 558 versos, tendo numa folha inicial a indicação de «Invocação» em 12 versos que mais parecem o rascunho primitivo, pois o último verso termina com *et caetera* e é retomado já no corpo do poema. Consta de um prólogo (vv. 1-39) com a invocação inserida e dirigida ao próprio Loiola, «Palinuro do tierno navio», a todos os sequazes das «bandeiras marciais do chefe Jesus» e, por fim, à Virgem, a Deusa Potente. Na exposição (vv. 40-539) acompanhamos o herói na sua caminhada a Roma. Histórica e etimológica digressão sobre a «sede Quirinal» antecede as palavras de Inácio que moverão os ânimos dos companheiros e o levarão a expor e entregar ao Papa Paulo III, em estância de veraneio em Tibur, os estatutos do seu projecto. Nova digressão sobre esta cidade, actual Tivoli. A corrente oposta está representada na pessoa de um cardeal que uma terrífica visão onírica atormenta, enquadrada numa bela imagem do anoitecer. Entretanto, a cândida Aurora o desperta, presuroso da sua adesão à causa «Loyolida». E a Fama loquaz evolva sobre Roma, não cessando de a notícia se espalhar ao Orco. Lutero e Plutão desencadeiam feroz perseguição e procelosa luta instiga o espírito popular. A intervenção da Virgem, suplicante ao Pai Omnipotente, restituirá a vitória à falange dos Jesuítas. Terminam o poema versos encomiásticos «Ad fratres societati nomen porrigentes», havendo menção especial a Cayetano Cao e Marrín Irizar, contemporâneo de Francisco Sales Pineda, autor do poema.

Ficou atrás referida a particular curiosidade que este *Carmen Epicum* me suscitou, porquanto cabe no âmbito do nosso trabalho de investigação. Por entre o labor de pesquisa passou-nos pelas mãos um poema heróico «San Ignacio» de Antonio de Escobar y Mendonza, natural de Valladolid, e datado de 1613. Consta de 7 livros, com 3 cantos cada um. Inácio, heróico combatente da sua Pátria contra os Franceses, é, no fim do livro I, inspirado por Deus que lhe modifica o seu ânimo, tocando-lhe o coração para ser doravante o seu soldado.

Propusemo-nos estudar a obra de um humanista português dos meados do século XVII, sepultado como tantos outros, nas cinzas do esquecimento. O seu *Corpus Litterarium* inclui um poema épico a St.º Inácio de Loiola, dividido em 3 livros. Ainda que numa fase incipiente de análise, apercebemo-nos desde já do interesse deste último poema, pois Sales Pineda omite *in limine* a vida de D. Ínigo, mais tarde Inácio, nascido no palácio-fortaleza de Loiola. Foram as acções bélicas da sua juventude que operaram a transformação do belo e elegante cortesão Inácio, quando, na sua convalescença, não tendo romances de cavalaria com que pudesse preencher o ócio forçado, lhe deram a ler a *Vida de Cristo* e *Flos Sanctorum*. É este Inácio, o descendente de uma das mais ilustres e antigas famílias da Biscaia, predestinado, segundo o duque de Nájera, a ter nome registado na história militar de Espanha, o assunto de todo o livro I do poema português. E a nosso ver, há, sem dúvida, uma íntima conexão e um fio condutor para a ulterior acção de Inácio, *Mauortis et Veneris alumnus* (*alumnus* no verdadeiro sentido de *alo*), dimensionando o leitor, em justa medida, o turbilhão das lutas mundanas, ambições e vaidades do jovem Inácio. O poema mexicano perde um pouco de *color poeticus et heroicus*, mostrando um herói conduzido por mão divina e fados propícios «post varios Martis casus, summosque labores».

Dos ingredientes clássicos nada falta ao poema seiscentista: a narração entremeada de episódios, invocações secundárias, sonhos proféticos, o concílio dos deuses,

as tentativas da oposição simbolizada em Vénus e Marte, o maravilhoso pagão de mãos dadas com a intervenção cristã nas figuras de Palas e o Pai Todo Poderoso, dados biográficos do autor da obra, que a teria escrito na sua adolescência, como o demonstram estes versos:

Tu uati nimium tenero, insuetoque Camaenis  
Da mihi te facilem, et surgentibus annue caeptis.

E, mais uma vez, Virgílio, o manancial inspirador dos nossos poetas, *mutatis mutandis* dá entrada ao seu canto: Facta, uirumque cano...

Surge-nos, pois, um trabalho mexicano remontando ao século XVIII, porque «rescatar de los archivos nuestra literatura latina y darla a la luz, es enriquecer el aprecio por nuestro pasado», não só dos séculos XV e XVI, mas ainda do século XVII, época em que Portugal, liberto do jugo alheio, procurou dimensões culturais em terras de horizontes mais amplos.

MARIA ALCINA DOS MÁRTIRES LOPES

ANDRÉ DE RESENDE, *Vincentius leuita et martyr*. Reproduction en fac-similé de l'édition de Luís Rodrigues, Lisbonne, 1545. Introduction par José V. de Pina Martins. Barbosa & Xavier, Ltd., Editores. Braga 1981 132 pp. + 115 fotocópias.

«Habent sua fata libelli». O *Vincentius leuita et martyr* de André de Resende também: em 1981, os progressos na técnica de impressão e a comemoração do IV Centenário da morte de Camões conjugaram-se para que reaparecesse ao público tal como surgira pela primeira vez (em 1545), numa edição fac-similada que constitui um triplo presente: para Camões, para André de Resende, para quantos se interessam pelo século XVI português.

Nas cerca de 117 páginas que precedem o referido fac-símile, o Prof. Pina Martins, depois de uma breve Introdução (justificação da obra agora editada), procede ao estudo do *Vincentius* sob três perspectivas:

1. «Des *Lusiadas* au poème *Vincentius leuita et martyr*».
2. «Le poème d'André de Resende et la culture de l'humanisme».
3. «Typographie et iconographie du *Vincentius leuita et martyr*».

O primeiro capítulo (pp. 25-53) apresenta um título aparentemente paradoxal, já que de fontes resendianas nele se trata. Mas o título traduz o espírito com que foram analisadas as ressonâncias, no poema de Camões, de passos do *Vincentius*. Por outras palavras: são *Os Lusíadas* a dar o toque do interesse do poema de André de Resende; são as razões «camonianas» para o seu estudo.